



Afinidades políticas e renovadas parcerias: as relações entre Rússia e América Latina no novo milênio¹

Daniela Vieira Secches² • Agosto de 2014

Resumo:

Como maior parceiro comercial e maior investidor no mercado brasileiro, a União Europeia, que hoje luta para superar a crise na zona do Euro, é uma variável central para o Brasil. A partir de um histórico das negociações entre os dois atores, buscar-se-á compreender potenciais efeitos dessa conjuntura sobre a economia brasileira e as negociações do país com a Europa.

Palavras-chave: União Europeia – Brasil – Crise na Zona do Euro

Abstract:

As Brazilian major trade partner and investor, European Union and its struggle against the eurocrisis is a central variable for Brazil. From this two actors negotiations historical background, this scenario potential effects on Brazilian economy and on its discussions with Europe will be debated.

Key words: European Union – Brazil – Eurozone Crisis

¹ Versão atualizada de discussão feita no Grupo de Pesquisa sobre Potências Médias (GPPM). Disponível em <http://grupoemergentes.wordpress.com/2014/07/21/vladimir-putin-na-america-latina-parcerias-em-um-mundo-policentrico-e-emergente/>.

² Membro do Grupo de Pesquisa sobre Potências Médias (GPPM). Coordenadora e professora da graduação em Relações Internacionais do Centro Universitário UniBH.

Desde o final do século XIX, com o início da consolidação do poder global dos Estados Unidos da América (EUA), a América Latina viu-se, em grande medida, subsumida por relações próximas e amplamente desiguais com seu irmão do Norte. O peso de uma expansão do destino manifesto na Doutrina Monroe, a política de big stick de Theodore Roosevelt, e as intervenções diretas e indiretas durante a Guerra Fria são fortes exemplos de como o domínio estadunidense foi discursiva e materialmente construído ao longo dos anos na região³. O final da Guerra Fria e a alta incerteza sistêmica da década de 1990⁴, no entanto, parecem abalar consideravelmente as relações no âmbito do continente americano.

³ Desde a independência dos Estados da América Latina, os Estados Unidos da América não tiveram uma preocupação mais sistemática para reforçar sua presença no continente. Os instrumentos usados para tanto repousaram mais sob a égide da Doutrina Monroe e nas intervenções diretas no período da Guerra Fria, especialmente após a virada comunista da Revolução Cubana. Somadas a elas, estão tímidos investimentos, como a Operação Pan-Americana, quando comparados com iniciativas de cooperação como o Plano Marshall para a Europa na primeira metade do século XX. Recentemente, o enfrentamento da crise econômica e financeira e crise social doméstica recorrente levou a administração Obama a reduzir ainda mais os já incipientes esforços de aproximação com o continente. Um exemplo interessante que ilustra essa situação é o fato de a preparação dos diplomatas estadunidenses praticamente não envolver leituras sobre o continente, como demonstra seu manual disponível em:

https://careers.state.gov/uploads/ff/03/ff03e644688fe25f74ff3b0641c59e9d/Updated_FSOT_Reading_List_Aug2013.pdf

⁴ Para uma breve versão de opinião contrária, em defesa da ordem unipolar, ver KRAUTHAMER, C. The Unipolar Moment. *Foreign Affairs*, Vol. 70, No. 1, 1990/1991, pp. 23-33.

As renovadas relações entre os países da América Latina e a Rússia apresentam-se como um caso deveras instigante nesse contexto. Para a região, a diversificação de alianças pesa em termos econômicos e políticos. A crise de 2008, as medidas de acertamento doméstico, e a crescente presença da China no continente contribuíram para que os Estados Unidos diminuíssem sua importância enquanto parceiro comercial. Essa diminuição relativa, porém, não foi acompanhada de uma estratégia de aproximação política mais enfática dos estadunidenses com as chancelarias locais, como uma forma de reverter o esfriamento dos mercados. A despeito de algumas visitas oficiais e ações pontuais, o mandato de Barack Obama pouco contribuiu para avançar laços mais profundos com os latino-americanos.

Nesse cenário, a Rússia aproxima-se como uma renovada parceria, no contexto de um mundo mais policêntrico e emergente, como recentemente descrito pelo presidente Vladimir Putin⁵. Desde que chegou ao governo, com a chefia do Serviço Federal de Segurança, em 1998, Putin busca traçar uma estratégia cada vez mais consistente de aproximação com os países da região, focado em três outras razões além do espaço deixado pelos EUA. Primeiramente, o fortalecimento relativo recente das economias do continente latino americano, em especial no contexto da crise de 2008, levou os Estados a impulsionarem consideravelmente sua inserção no mercado global e a somar capital político em

⁵ Declarações dadas por Vladimir Putin em entrevista à Agência Cubana Prensa Latina. Ver PRENSA LATINA. Putin por una América Latina unida, sostenible e independiente. Disponível em http://prensa-latina.cu/index.php?option=com_content&task=view&id=1&id=2871011&Itemid=1. Acesso em 17 de julho de 2014.

organismos internacionais⁶. Na maioria dos países, o momento coincidiu com o a subida ao poder de governos de centro-esquerda, desejosos por promover mudanças na ordem internacional⁷. Nesse contexto, como uma segunda motivação para a aproximação entre esses atores, percebe-se uma coincidência de posições na política internacional entre a Rússia e os países americanos, como, por exemplo, a resistência à intervenção na Síria e a discussão sobre a ilegalidade do referendo realizado na Crimeia acerca de sua anexação ao território russo⁸.

⁶ Em 2010, o crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) da América Latina e do Caribe chegou a bater 6%. Já em 2012, houve uma queda em 3%. Ainda assim, alguns Estados demonstram uma tendência de recuperação, como Peru e Bolívia. Dados disponíveis em BANCO MUNDIAL. 2014 World Development Indicators. Disponível em <http://data.worldbank.org/sites/default/files/wdi-2014-book.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2014.

⁷ O chamado eixo bolivariano, representado pelos Estados membros da Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA) – Antígua e Barbuda, Bolívia, Cuba, Dominica, Equador, Granadinas, Nicarágua, São Vicente e Venezuela, são de especial interesse, dado seu posicionamento à esquerda mais intenso.

⁸ Na votação da Resolução 11493 de março de 2014 sobre o reconhecimento da mudança no status da região da Crimeia, 100 Estados votaram por não reconhecer a validade do referendo. Bolívia, Cuba, Nicarágua e Venezuela foram quatro dos onze membros contra o documento, demonstrando seu apoio à causa russa. Já Argentina, Brasil, Equador e Uruguai abstiveram-se publicamente. Para o inteiro teor da resolução, ver ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Resolution GA 11493. Disponível em <http://www.un.org/News/Press/docs/2014/ga11493.doc.htm>. Acesso em 15 de julho de 2014. Sobre o apoio latino americano na ocasião, ver RUSSIA BEYOND THE HEADLINES. EE UU recela de la presencia rusa en América Latina. Disponível em http://es.rbth.com/internacional/2014/07/15/ee_uu_rece-la_de_la_presencia_rusa_en_america_latina_41785.html. Acesso em 15 de julho de 2014.

A situação na Crimeia e em outras regiões separatistas da Ucrânia promoveu um isolamento da Rússia no cenário internacional, dadas as condenações e sanções aprovadas sob liderança de potências ocidentais como os Estados Unidos e a União Europeia (UE)⁹. Alianças estratégicas com Estados latino americanos tornam-se, portanto, um instrumento para garantir a inserção russa e uma terceira razão quase natural para a aproximação. Esse enfoque é, por fim, reforçado pela posição geoestratégica da América Latina, próxima aos Estados Unidos, que tradicionalmente negligenciam políticas mais assertivas para atração dos Estados da região em nome de uma pretensa fidelidade entendida como derivada de uma espécie de destino manifesto.

Em termos de aproximação econômica e política, a crise na Ucrânia parece dar mais um empurrão para a aproximação entre russos e latino-americanos. As consecutivas rodadas de sanções, renovadas após o acidente com o voo MH17, da Malasya Airlines, em território ucraniano, levou a uma resposta da chancelaria do

⁹ No dia 16 de julho de 2014, Estados Unidos e União Europeia promoveram uma nova rodada de sanções contra a Rússia devido à situação na Crimeia. Após a queda do avião da Malasya Airlines, apesar da cautela solicitada pela premier alemã Angela Merkel, provavelmente haverá novas punições. A respeito, ver BBC. EUA e UE ampliam sanções contra a Rússia. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/07/140716_eua_ue_sancao_russia_kb.shtml. Acesso em 17 de julho de 2014. Em resposta, no dia 19 de julho de 2014, o Kremlin decidiu sancionar os Estados Unidos, banindo a entrada de doze americanos supostamente envolvidos em torturas nas prisões de Guantánamo e Abu Ghrabi. A respeito, ver RIA-NOVOSTI. Russia bans entry to 12 US Citizens in Response to Sanctions. Disponível em <http://en.ria.ru/politics/20140719/191039234/Russia-Bans-Entry-to-12-US-Citizens-in-Response-to-Sanctions-.html>. Acesso em 19 de julho de 2014.

Kremlin. O Primeiro-Ministro Dmitry Medvedev anunciou, no dia 7 de agosto de 2014, que a Rússia suspenderia por um ano a compra de laticínios, carnes, peixes, frutas e vegetais oriundos dos Estados Unidos, do Canadá, da Austrália, da Noruega e dos países que compõem a União Europeia. O comércio desses itens com os Estados europeus próximos à Rússia são uma parte significativa das importações totais do país, girando em média em 35% do que os russos compram no estrangeiro desses itens¹⁰.

Além de buscar fortalecer sua própria produção interna, a saída para segurar a disparada dos preços dos alimentos diante das sanções é uma aproximação rápida e profunda com outros produtores. Os Estados da América Latina, notórios pelo seu setor agrícola, entram como uma escolha natural, haja vista ainda a coordenação política apresentada nos últimos anos, em especial no próprio caso da Ucrânia. Em pronunciamento recente, o ministro russo da agricultura, Nikolai Fyodorov, afirmou serem os latino-americanos um poderoso mercado batendo às portas da Rússia. Argentina, Brasil, Chile, Equador, Paraguai e Peru são parceiros com os quais

já se deram os primeiros movimentos para aumento dos volumes de carnes, peixes, frutas, vegetais e laticínios enviados à Rússia¹¹.

O reaquecimento e os novos rumos das relações entre Rússia e América Latina promovidos pelo iminente aprofundamento das relações comerciais após as sanções do Kremlin às potências ocidentais fundamenta-se na coerência e na aproximação política que vêm sendo percebidas e construídas no novo milênio. A VI Cúpula dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), realizada entre os dias 14 e 16 de julho de 2014, em Fortaleza, Brasil, representou, nesse sentido, uma série de avanços relevantes, em especial com as visitas oficiais realizadas por Vladimir Putin em seu giro pelo continente latino-americano.

Em 11 de julho desse ano, Putin chegou à Cuba para visita oficial ao líder do país, Raul Castro, e a seu irmão, Fidel Castro. Os irmãos Castro celebraram a chegada do premier russo com a notícia de que o Parlamento de Moscou havia aprovado um significativo perdão de 90% da dívida cubana dos anos da Guerra Fria, deixando um total de US\$ 3.500 milhões que serão reinvestidos na ilha em projetos de infraestrutura. Ademais, foram firmados contratos para exploração de petróleo em alto mar pelas empresas Rosneft e Zarubezhneft, em região próxima à Flórida, além de iniciativas de cooperação em transportes e saúde pública¹². Em seguida, a

¹⁰ Segundo o *Institute for Complex Strategic Studies* (ICSS), 31,5% das carnes, 42,6% dos laticínios, e 32% dos vegetais importados pela Rússia antes das sanções vinham da Europa. O embaixador da União Europeia (UE) para a Rússia, Vigaudas Ushatskas, afirmou que, em uma primeira análise, é possível esperar que os Estados da UE percam cerca de 12 bilhões de euros ao longo desse ano de banimento. No entanto, é importante ressaltar que os maiores perdedores serão Estados menores, como os países Bálticos, e para a Finlândia. As perdas brutas para os demais países não são tão significativas no contexto mais amplo de suas balanças comerciais. Ver RUSSIA BEYOND THE HEADLINES. Russia bans European and U.S. food imports for 1 year. Disponível em http://rbth.com/business/2014/08/08/russia_bans_european_food_imports_for_1_year_38875.html. Acesso em 25 de agosto de 2014.

¹¹ RUSSIA BEYOND THE HEADLINES. Russia has list of countries to replace sanctioned food importers. Disponível em http://rbth.com/news/2014/08/11/russia_has_list_of_countries_to_replace_sanctioned_food_importers_-_agri_38902.html. Acesso em 25 de agosto de 2014.

¹² RT. Vladimir Putin empreenderá uma histórica gira por América Latina. Disponível em <http://actualidad.rt.com/actualidad/view/133381->

delegação russa aterrisou em Manágua para encontro oficial com Daniel Ortega, presidente da Nicarágua e membro do histórico partido Frente Sandinista. Na ocasião, iniciaram-se diálogos na área de combate à pobreza, ao crime organizado, e para a promoção da paz, além da cooperação para construção do Grande Canal Interoceânico – uma alternativa ao Canal do Panamá¹³.

A Argentina de Cristina Kirchner foi o próximo destino do presidente russo. Os dois chefes de Estado encontraram-se oficialmente pela primeira vez. O avanço mais significativo deu-se na área de cooperação para uso pacífico de energia atômica com a estatal russa Rostom, que participará da construção da central nuclear Atucha III. Outras possíveis parcerias desenham-se na área energética. A empresa russa Inter Rao está interessada na hidrelétrica em construção no oeste argentino, enquanto uma delegação de empresários russos visitou a região de Vaca Muerta, com consideráveis recursos de gás e petróleo. Foram, ainda, firmados convênios em telecomunicações, para a transmissão de um canal russo em espanhol na Argentina; e acordos de cooperação em matéria jurídica¹⁴.

presidente-putin-gira-america-latina. Acesso em 10 de julho de 2014.

¹³ THE MOSCOW TIMES. Ortega celebrates Putin's Nicaragua Visit as a 'Ray of Light'. Disponível em

<http://www.themoscowtimes.com/news/article/putin-a-ray-of-light-on-latin-america-tour/503358.html>.

Acesso em 15 de julho de 2014.

¹⁴ DIARIO LIBRE. Argentina y Rusia afianzan lazo estratégico con firma de acuerdos bilaterales. Disponível em

http://www.diariolibre.com/latinoamerica/2014/07/13/i697601_argentina-rusia-afianzan-lazo-estrategico-con-firma-acuerdos-bilaterales.html. Acesso em 15 de julho de 2014.

Cristina F. de Kirchner e Putin trocaram expectativas de aprofundamento das relações entre os Estados em comunicados oficiais. Para a premier argentina, ambas as nações devem buscar defender a reforma de organismos internacionais, como as Nações Unidas (ONU) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). O apoio da comunidade internacional ao referendo nas Malvinas e a condenação ao mesmo procedimento na Crimeia é, para Cristina, um sintoma do duplo padrão da ONU, enquanto a disputa dos argentinos com os chamados fundos abutres é associada a uma ausência de justiça e clareza na regulação financeira internacional. Apesar desse alinhamento, Putin acredita não ser, ainda, momento para ampliação do grupo BRICS, em uma alusão à possibilidade de inclusão da Argentina, afirmando ser importante primeiro a consolidação dos atuais projetos da aliança¹⁵.

Entre o comparecimento à final da Copa do Mundo de Futebol e o início da VI Cúpula dos BRICS, Vladimir Putin reuniu-se com a presidente Dilma Rousseff, quando discutiram cooperação entre os dois Estados nas áreas de saúde, tecnologia, educação, cultura, aeronáutica e infraestrutura. A cooperação energética novamente tornou a ser um tema central, e há possibilidades de cooperação para exploração das reservas brasileiras de petróleo e gás. A expectativa é que o fluxo comercial entre Brasil e Rússia dupliquem, fomentados por essas iniciativas, chegando aos US\$ 10 bilhões de dólares. No entanto, esse projeto pode ser frustrado pelo

¹⁵ EL MUNDO. Putin dice que America Latina es clave para Rusia. Disponível em <http://www.elmundo.com.ve/noticias/economia/internacional/putin-dice-que-america-latina-es-clave-para-rusi.aspx>. Acesso em 15 de julho de 2014.

lento ritmo de crescimento da economia brasileira, que não deve superar 1,5% em 2014. Por fim, celebrou-se também acordo sobre defesa antiaérea para demonstração do sistema russo e possível venda ao Brasil¹⁶.

Além das visitas oficiais, houve outros estratégicos movimentos de Putin em seu giro pela América Latina. Em Fortaleza, durante a Cúpula, o presidente russo encontrou-se com o chefe de Estado uruguaio, José Mujica, quando discutiram as vantagens da localização estratégica do Uruguai para as relações comerciais internacionais¹⁷. Encontros e acordos bilaterais também foram realizados com Maduro, presidente venezuelano, e Morales, chefe de Estado da Bolívia. Outro caminho interessante é a aproximação entre os arranjos de integração da América do Sul e da Europa Oriental. Já se anunciam alguns movimentos de aproximação entre o Mercado Comum do Sul (Mercosul), composto por Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela, e a União Econômica Euroasiática, cujos membros são Rússia, Tajiquistão, Quirguistão, Bielorrússia, e Cazaquistão¹⁸. Em encontro com os Chefes de Estado dos países-membros da União das

Nações Sul-Americanas, Vladimir Putin demonstrou apoiar aproximação semelhante.

Muitos questionam se o giro da Rússia pela América Latina seria mais um sintoma da pretensão deste Estado de reconstruir a ordem global na lógica da Guerra Fria. No que diz respeito ao desejo de retomar uma condição de potência mais proeminente, sem dúvidas esse é um desejo da política externa russa contemporânea, mas nunca deixou de sê-lo desde o início da formação desse Estado no século XV. Pensar em termos de confronto bipolar e enfrentamento direto e ideológico com os Estados Unidos claramente não cabe à situação atual, na qual Putin parece buscar muito mais uma reforma global em direção a um mundo policêntrico, em uma análise mais coerente das atuais condições de seu país frente às potências tradicionais e às emergentes. As sanções de agosto de 2014 às potências ocidentais e o impulso por elas dado à aproximação a países com os quais a Rússia mantém mais afinidade política, como a América Latina, atestam essa questão.

Os resultados de julho de 2014 e os dobramentos de agosto demonstraram uma aproximação sem precedentes entre Rússia e América Latina. Todavia, há muito o que se realizar para a consolidação dessas parcerias. Mesmo com o crescimento recente do fluxo comercial, o continente ainda é um mercado pouco tradicional para os russos, com um aumento errático das trocas (Tabela 1). Ademais, a dominação econômica chinesa, tanto em termos de fluxo comercial quanto em termos de investimentos, pode significar rivalizar com um dos principais parceiros de Putin na atual estratégia de política externa do Kremlin. Mesmo reconhecendo não serem as economias russas e chinesas diretamente concorrentes em termos de produtos

¹⁶ EL PAÍS. A Rússia e o Brasil acertam um acordo sobre defesa antiaérea. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/14/internacional/1405367160_678400.html. Acesso em 15 de julho de 2014.

¹⁷ LA RED 21. Mujica enseñó a Putin mapa de América y dijo que Uruguay está en una gran esquina. Disponível em <http://www.lr21.com.uy/politica/1186497-mujica-putin-reunion-mapa-america-uruguay>. Acesso em 18 de julho de 2014.

¹⁸ RUSSIA BEYOND THE HEADLINES. La Unión Euroasiática apuesta por el Mercosur. Disponível em http://es.rbth.com/internacional/2014/07/16/la_unio_n_euroasiatica_apuesta_por_el_mercosur_41825.html. Acesso em 18 de julho de 2014.

exportados aos latino-americanos, há uma tendência de que a Rússia diversifique mais sua produção nos próximos anos, que hoje é extremamente dependente de hidrocarbonetos e de seus derivados, o que poderia modificar essa característica¹⁹.

Tabela 1. Crescimento do comércio russo com a América Latina no século XXI.

País	1992	2000	2008	2010
Região	1330,3	5669,7	15935	12260
Argentina	150,5	122,9	1975,9	1124,1
Brasil	146,8	645,9	6711,2	5874,5
Chile	22,4	19,5	364,7	356,6
Cuba	832,1	385,2	265,1	276
Equador	14,9	185,2	935,7	974,1
México	19	156,7	1230,9	768,8
Peru	19,2	35,7	327,6	328
Venezuela	22,1	67,7	957,8	165,3

Fonte: Federal Customs Service of the Russian Federation.²⁰

Moscou aparentemente poderia tentar concentrar seus esforços mais incisivos em termos de aproximação política. No entanto, também nesse ponto haveria um entrave – a histórica dependência dos países da América Latina em relação às potências ocidentais, o que explica, por exemplo, a hesitação em condenar mais diretamente a postura dos EUA e aliados na situação na Ucrânia e a abstenção de Brasil e Argentina na já referida resolução da Assembleia Geral sobre o referendo na Crimeia. De qualquer maneira, o movimento da Rússia em direção à América Latina parece tomado de uma força irresistível nesse século XXI, como demonstra a Tabela 2, e a tendência é que essa aproximação encontre espaço para seguir adiante, mesmo que cautelosa, tanto em termos de relações bilaterais, quanto nos fóruns globais e de integração regional.

Tabela 2. Principais iniciativas de aproximação com a América Latina negociadas pelo presidente russo Vladimir Putin nas suas visitas oficiais de seu giro pelo continente de julho de 2014.²¹

País Latino Americano	Principais relações com a Rússia
-----------------------	----------------------------------

¹⁹ Em 2013, 53% do PIB russo era composto pelos dividendos dos hidrocarbonetos. Espera-se que, em 2014, essa proporção diminua um valor entre 45% e 46%. RUSSIA BEYOND THE HEADLINES. Economy faces challenge from fall in oil price and ruble value. Disponível em: http://rbth.com/business/2014/08/25/economy_faces_challenge_from_fall_in_oil_price_and_ruble_value_39273.html. Acesso em 25 de agosto de 2014.

²⁰ PANIEV, Y. Russia turning to Latin America. Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations, Vol. 1, N. 1, Jan-Jun, 2002, p. 41.

²¹ RUSSIA BEYOND THE HEADLINES. Rusia y Latinoamérica se necesitan mutuamente. Disponível em http://es.rbth.com/internacional/2014/07/19/rusia_y_latinoamerica_se_necesitan_mutuamente_41893.html. Acesso em 19 de julho de 2014;

Argentina	Energia nuclear Energia hidrelétrica Gás e petróleo Comunicações Cooperação judiciária Carnes Frutas e vegetais Laticínios
Brasil	Defesa Gás e petróleo Saúde Tecnologia e educação Carnes Frutas e vegetais Laticínios
Chile	Frutas e vegetais
Cuba	Perdão da dívida Infraestrutura Petróleo
Equador	Frutas e vegetais
Nicarágua	Agricultura Infraestrutura
Paraguai	Carnes Frutas e vegetais
Peru	Frutas e vegetais